



TECNOLOGIAS DE PODER E A NARRATIVA DE SI NA CONSTITUIÇÃO DE UM “CORPO NEGRO, MULHER, TRANS”

TECNOLOGÍAS DE PODER Y LA NARRATIVA DE SI EN LA CONSTITUCIÓN DE UN “CUERPO NEGRO, MUJER, TRANS”

TECHNOLOGIES OF POWER AND THE NARRATIVE OF SELF IN THE CONSTITUTION OF A “BLACK BODY, WOMAN, TRANS”

Alexandre Luiz Polizel¹

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo traçar considerações acerca da constituição de relatos formativos de um corpo negro, mulher trans e pedagogo em sua trajetória nos espaços educacionais. Faz-se isto sob a perspectiva heterautobiográfica, reconhecendo as narrativas de si como um modo de presentificação da memória no fazer-se corpo e na exposição de tecnologias de poder e de resistência em atuação na constituição do eu. A produção da narrativa deu-se com uma estudante de Pedagogia, mulher, trans, negra, da Universidade Estadual de Maringá, Paraná. Neste manuscrito discorre-se sobre a tecnologia de poder da expropriação de perspectiva, bem como das tecnologias de resistência da reatividade a expropriação, desenvolvimento de alianças e afirmação de si.
PALAVRAS-CHAVE: Educação. Trajetória. Relatar a si. Tecnologias.

RESUMEN: Este trabajo tiene por objetivo trazar consideraciones acerca de la constitución de relatos formativos de un cuerpo negro, mujer trans y pedagogo en su trayectoria en los espacios educativos. Se hace esto bajo la perspectiva heterautobiográfica, reconociendo las narrativas de sí como un modo de presentificación de la memoria en el hacerse cuerpo y en la exposición de tecnologías de poder y de resistencia en actuación en la constitución del yo. La producción de la narrativa se dio con una estudiante de Pedagogía, mujer, trans, negra, de la Universidad Estadual de Maringá, Paraná. En este manuscrito se discurre sobre la tecnología de poder de la expropiación de perspectiva, así como de las tecnologías de resistencia de la reactividad a la expropiación, desarrollo de alianzas y afirmación de sí.
PALAVRAS CLAVE: Educación. Trayectoria. Informar a usted. Tecnologías.

ABSTRACT: This work aims to draw up considerations about the constitution of formative reports of a black body, trans woman and pedagogue in its trajectory in educational spaces. This is done under the heterautobiographic perspective, recognizing

¹ Mestrando em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Londrina, Paraná. E-mail: alexandre_polizel@hotmail.com

the narratives of self as a way of presentification of memory in the making of body and the exhibition of technologies of power and resistance in acting in the constitution of the self. The production of the narrative occurred with a student of Pedagogy, woman, trans, black, of the State University of Maringá, Paraná. In this manuscript we discuss the power technology of perspective expropriation, as well as the technologies of reactivity resistance to expropriation, alliance development and self affirmation.

KEYWORDS: Education. Trajectory. Report to you. Technologies.

Notas introdutórias

Este manuscrito emerge durante o processo formativo do curso de licenciatura em Ciências Biológicas, em que voltei-me a pensar a vida, a vida que flui, a vida dos corpos. Corpos que fazem-se políticos, textuais, interpretativos, éticos e estéticos (RAGO, 2013; NIETZSCHE, 1974).

O corpo entendido como um corpo que faz-se, confessa, (des)institucionaliza-se, nunca está pronto ou acabado e também nunca começa, sempre está em devir². Compreende-se que um conjunto de poderes-saberes atravessam estes corpos em suas produções e estes corpos decidem aceitar o testemunho dos sentidos, produzidos no interior das culturas, ou não (FOUCAULT, 2015). Sentidos, significados e significações produzidos em um mundo aparente, nos processos de lembrança e esquecimento das singularidades e experiencialidades; acontecimentos, que dão-se em fluxos de história contínuos e descontínuos, nos momentos, tessituras e sensações (NIETZSCHE, 1974), assim, podem ser constantemente trazidas à tona por meio do narrar-se a si, no (des)(re)compor-se, no mostrar-se, nas memórias e nos lugares.

Assim, pensando um corpo Outro e uma nova superfície epistêmica para pensar os ensinamentos das ciências, que voltei-me a busca destes corpos em movimento, refletindo: “Nos relatos de si, quais as tecnologias de poder que atravessam os corpos de LGBTs e os (des)(re)constituem nos espaços de ensino?”. Esta questão me levou a uma pesquisa intitulada: “Histórias, violências e desalojares: A trajetória de LGBTs nos espaços de ensino”. Este manuscrito constitui-se em um recorte desta investigação, e tem por

² O devir, no escopo deste manuscrito é tratado como um campo de transformações, de movimentos, de multiplicações das possibilidades de ser, pensar e existir. O devir neste sentido é desdobramento de diferenças, e em cada encontro produz uma diferença outra, visto que constitui-se algo outro (NIETZSCHE, 1974).

objetivo traçar considerações acerca da constituição de relatos formativos de um corpo negro, mulher, trans³ em sua trajetória nos espaços educacionais.

Reconhecendo as limitações de uma escrita, organizo este trabalho em três eixos:

a) Produção de retalhos narrativos, referente ao percurso metodológico; b) O corpo que faz-se, situando o corpo que nos narra; c) Tecnologia da expropriação de perspectiva, trazendo explicações sobre o furto da perspectiva futura.

Produzindo retalhos narrativos

Retalhos, parte constituinte, com eles bordamos, criamos colchas, *patchworks*... Fazemos arte. Estes são fios condutores, que podemos tricotear para pensar as trajetórias de um sujeito, sua constituição, as forças que o atravessaram, suas vontades. O trabalho de produção de retalhos narrativos requer reconhecimento e a produção de um espaço de escuta (BUTLER, 2015). Neste espaço busca-se as falas de si e silêncios, no hibridizar dos corpos narram-se e escutam-se, produção heteroautobiografia (RAGO, 2013).

Esta heteroautobiografia é um movimento aberrante, desajeitado, vai para todos os lados e não vai a nenhum, é nômade: a) *hetero* à medida que dois corpos distintos se encontram; b) biográfico a medida que um dos corpos narra suas vivências, (des)(re)memora-se constantemente, busca lugares, espaços-tempo, sentimentos, odores, temperaturas, para contar; c) autobiográfica a medida que aquele que ouve, que reconhece o outro, que cria um espaço de escuta e permite a mistura dos dois corpos que encontram-se, registra; d) heteroautobiográfica, à medida que ambos (des)(re)memoram suas vivências, reconhecem-se juntos, escutam-se juntos, escrevem juntos, produzem juntos os retalhos (RAGO, 2013).

O narrar-se, enuncia experiencialidades, presentificam-as, faz-se ver, evidência suas marcas, deixadas nos encontros com o poder, suas negociações com este e sua produção em meio a este embate. Estas marcas são registros dos processos de subjetivação que são (des)(re)memoradas no relatar a si (BUTLER, 2015; RAGO, 2013), marcas testemunhas dos encontros com as tecnologias de poder.

Estas tecnologias de poder consistem em técnicas que reivindicam estatutos de produção de verdade, atravessam os corpos e produzem-os como sujeitos, modulando modos de subjetivação-sujeição (FOUCAULT, 2015; 2014). Tecnologias que incidem

³ Utiliza-se do termo trans, considerando autoidentificação e o termo como um abrangente de transexuais, travestis e transgêneros.

sob os corpos, atravessam estes, constituem, e os corpos devolvem-lhes o favor por meio de tecnologias de resistências – que deformam, resistem, negociam, deslocam, reverberam ou rarefazem as tecnologia de poder incididas sobre si (FOUCAULT, 2015; 2014).

Assim, ao inclinar-me à escuta do Outro, busquei a constituição de retalhos narrativos não convencionais, que não estariam demarcadas no registro oficial do espaço educacional escolar e que nos dessem dicas sob as tecnologias de poder que incidem sob corpos licencia(n)dos e LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, e pessoas Trans). Aventurei-me utilizando como bússola, duas delineações, ouvir: a) estudantes de cursos de licenciatura da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Paraná; e b) que autoidentificavam-se como pertencentes a categoria de minorias sexuais – LGBTs.

Os sujeitos foram selecionados por conveniência, em grupos de estudo relacionado a temática de gênero e sexualidades, movimentos sociais estudantis e indicações de colegas. Enviados convites - pessoalmente ou por meio de redes sociais – foi marcada uma conversa pessoalmente, em uma sala da universidade. Antes de iniciar o diálogo era apresentado um Termo de Consentimento Livre Esclarecido⁴, e questões guias que norteariam o diálogo e a produção das narrativas de vida.

As conversações foram: a) audiogravadas e transcritas, bem como b) tomadas notações em caderno de campo, sobre estas, para percepções e sensações pessoais (RAGO, 2013; CANTANI, 2006). Perguntas abertas foram utilizadas para direcionamento no processo de relatar-se e (re)memorar-se, sendo: a) Frente a sua história de vida, o que você compreende como violência? Poderia narrar sua passagem pela educação básica e superior, seus encontros com as violências, como isto incidiu sobre a ocupação dos espaços e seu processo de ensino e aprendizagem?

Estes retalhos narrativos, audiogravados e transcritos, foram interpretados sob hermenêutica baseada em minha tecnologia de ouvir e de olhar, inspirada em teorizações de Michel Foucault e sua ressonâncias (2015; 2014; 1996; FISCHER, 2001), bem como a perspectiva heteroautobiográfica de Margareth Rago (2013).

Os relatos emergem de um corpo atravessado por múltiplas categorias identitárias, sendo: negro, mulher trans, pobre e que tem relações experienciais e afetivas com uma cidade pequena do interior do Paraná. Corpo estudante no curso de Pedagogia da

⁴ Procedimento aprovado no Conselho de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da UEM, sob nº CAAE 55404015.5.0000.0104

Universidade Estadual de Maringá (UEM), Paraná. Corpo nos narra suas estratégias criativas e de resistência nos embates com as tecnologias de poder.

O corpo que faz-se

Sou inteiro corpo e nada além disso
- Friedrich Nietzsche

O corpo faz-se e na produção de retalhos de si, nos (des)(re)encontros com as tecnologias, nas tramas do poder. O corpo que faz-se é o corpo de Megg⁵. Megg coloca-se como tendo “[...] 24 anos, cursei pedagogia, sou negra, sou mulher, trans. Isso me define!”. Megg pontua que é de uma “[...] cidade pequena”, no interior do paraná, e a esta refere-se como “[...] cidade da minha mãe”.

Suas demarcações conferem assim os categories identitários pela qual se lê e, pela qual é lida. A identidade nesta perspectiva não é tratada como algo fixo, mas sim como ferramenta de identificação, como uma possibilidade de interpretação, um olhar voltado ao si que localiza o “eu” (NIETZSCHE, 1974). São os seus recordes identitários de raça, gênero e formação profissional que são invocados ao narrar-se, eleitos como importantes de serem invocadas no percurso do olhar para seus retalhos de trajetória formativa – oferecida como chave de leitura.

Sua raça, negra, é atravessada por um conjunto de tecnologias que a coloca em uma posição de sujeito específica em relação a uma normativa vigente. Esta normativa que busca a normalização do outro também produz a desnormalização – isto por meio de um conjunto de regulamentações que são produzidas discursivamente, no campo de saberes e poderes sob uma lógica colonial eurocêntrica. Seu gênero, mulher trans, borrar as fronteiras – e aqui, compreendo as fronteiras como delineações do que é normal-desviado, natural-anormal, estabelecida por regimes de verdade que as criam, as naturalizam e as transformam em um quadro de referências (FOUCAULT, 2015; 2014). É este corpo ao passar pelo chão da escola, e confronta-se com tecnologias de poder que tentam formata-lo e (des)(re)adequá-los ao regime formativo vigente.

Estas tecnologias de poder consistem em mecanismos e técnicas de governo. Este governo é investido sob um corpo-individual e um corpo-espécie, de modo que toca tanto o sujeito quanto a população. Tecnologias aplicadas por meio de processos de

⁵ O nome utilizado consiste em um nome fictício, escolhido em homenagem a Megg Oliveira – primeira travesti negra a obter o título de doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná.

disciplinamento, das regulamentações da verdade e da valoração estabelecida a determinada posição de sujeito. Tecnologias exercidas sob os corpos, gerenciando-os e construindo nestes mecanismos de (auto)gestão de si – pela interiorização das instituições –, todavia os corpos também emanam e exercem poder, o que aqui tratarei como tecnologias de resistência (FOUCAULT, 2014).

Assim, no afirmar-se como sujeito em categorias vistas como minoritárias – no sentido do poder hegemônico – sendo: negra e mulher trans, a mesma já exerce uma tecnologia de resistência ao produzir-se dizendo que reconhece-se minoritária e, afirma-se. A identificação, o reconhecimento de si, é uma Tecnologia de resistência (BUTLER, 2015; RAGO, 2013; NIETZSCHE, 1974). Afirma a si mesmo ao saber que no regime normativo vigorante, estará em uma posição de sujeito subalterno. Subalterno não como alguém que não exerce poder; subalterno a medida que tais identidades são reconhecidas como menores, menos validas e até mesmo matáveis.

Tecnologia da expropriação de perspectivas

Perspectivas, a possibilidade de lançar um olhar a outro espaço-tempo, não tão próximo e não tão distante. A escola, ou melhor, o projeto que volta-se a razão como base estruturante para viver e eger formas vividas, oferece a quem adentra a sua maquinaria: perspectivas. A perspectiva da salvação da alma, dominação da natureza, tornar-se virtuoso, conquistas no futuro, boa vida (NIETZSCHE, 1974). Esta é a promessa do processo de escolarização, de oferecer uma perspectiva, um futuro, algo que não é certo mas pode ser conquistado, um jogo com créditos. Para isto, requer-se adequação as normas, ao comum, ao vivível, conquistado pelo processo disciplinar do espaço escolar. Disciplina que exaltar determinadas características em detrimento a outras (FOUCAULT, 2014).

Nos retalhos de sua trajetória de vida, evidencia-se que sua composição identitária tem sua “perspectiva” negada pela escola moderna, vê-se que:

O que o povo da cidade da minha mãe pensava em relação a mim “à é viadinho que quer ser mulher, nunca vai conseguir nada na vida”. [...] a marcação de que eu nunca vou ser ninguém, ficou muito marcada para mim. [...] É sempre que você não vai ser ninguém, vai ser drogada, vai viver na delegacia.

Assim, a perspectiva que é roubada é de ocupar um espaço de poder em dissidência as categorias identitárias que marcam seu corpo – ser negra e trans. Foucault

(2015; 2014) apresenta o processo de disciplinamento como *modus* de produzir um quadro de referências, quadros pautados em regimes de verdade que estipulam aspectos dados como verdadeiros em detrimento a outros. Assim, a instituição destes regimes de verdade, cristaliza modos de interpretação do mundo e, estabelece posições de sujeitos de acordo com suas categorias identitárias, estabelecendo espaços que são transitáveis ou não à estas.

Decalca-se neste corpo, a expropriação de perspectivas, sob a ideia de que seu corpo por ser negro, mulher e trans não pode desejar ocupar uma posição de poder – sua identidade já tem posição marcada as margens, na delegacia, na prostituição. O assalto da perspectiva dar-se, de uma forma dual, de atribuição e retirada: a) atribui-se uma posição de sujeito e um papel de acordo com a composição identitária; b) retira-se a possibilidade de ocupar um espaço de poder outro, que não aquele que lhe fora atribuído.

Este furto dar-se na retirada da possibilidade do futuro e no desmantelamento de possibilidades do presente. Vê-se isto em cinco momentos dos retalhos de vida de Megg que representam seu transito pelo espaço escolar: a) Durante processos de violência verbal e psicológica para com seu corpo, Megg tinha de retorno de seus professores o “Silêncio [...] eram ‘tô nem ai, estuda ai, estuda’”; b) Quando buscava o uso de direitos sociais, como o uso do banheiro ou do nome social, esta demarca que “[...] lá não usava, por que lá é uma cidade assim, pequena, minúscula e estas informações não chegam lá, ou se chegam são engavetadas”; c) No que toca o reconhecimento de suas categorias identitárias, é pontuado “Os professores tocavam em alguns pontos, mas não aborda tudo né, por exemplo, eu sou negra, quando falam de negros não falam de mulheres trans negras, nem homens trans [...] muitas vezes por conta de religiosidade”; d) Sobre as suas relações, “[...] Tinha uma professora que me defendia, ele falava e ela rebatia ele, isso incomodava muito ele [...] ele tentou proibir a gente de conversar na escola, eu e ela”; e) Durante “[...] uma viagem da escola, eu não podia dormir com as meninas, por mais que eu estava menina, eu tinha que dormir com meninos, a mesma coisa com o banheiro”.

Evidencia-se uma expropriação de perspectivas a medida que furta documentos oficiais e os engaveta, não reconhece o outro e suas violações sofridas, não reconhece composições identitárias minoritárias na abordagem educacional, cerceia as relações de aliança e, regula-impede a circulação nos espaços. Estas seriam tecnologias de poder que atravessam este corpo. Todavia tecnologias de resistências são acionadas, pontuando-se: a) Reatividade catalisada do sequestro de perspectiva; b) Processo de desenvolvimento de alianças; e c) Reconhecimento-afirmação de si – já discutido acima.

Vê-se que as violências realizadas para com Megg “[...] é o que fez eu terminar o que eu terminei [...] o curso de pedagogia, [...] é claro que a construção negativa eu transformava em positiva, era a carga a mais para mim conquistar meu objetivo”. O que pode ser lido como: a) O ressentimento dos extirpadores de perspectiva levaram a um esgotamento de sentido nesta e, cria espaço para criação de outras perspectivas e valores; e b) O processo de retirada da perspectiva do futuro, levou a um dizer sim ao presente e, por não prender-se apenas a uma possibilidade – o problema da fixação no futuro é a perspectiva única – leva-a a conquistas outras, como narra que “[...] não queria fazer pedagogia” e agora orgulha-se de ser pedagoga: “[...] sou pedagoga” (NIETZSCHE, 1974).

Este processo de transformação de valores dar-se pela aliança com professores, “[...] professores que eram incentivadores”, que a “[...] defendia” e possibilitava ocupar este espaço. Um elo a auxiliava a resistir a expropriação, um elo de amizade. A amizade aqui é o Outro que a reconhece, que a propicia um espaço de escuta e, que auxilia na produção de sua história, seu corpo e, de seu modo de existir (BUTLER, 2015; RAGO, 2013).

Considerações Finais

Um corpo negro, pedagogo e mulher trans, que afirma-se ao narrar-se e presentificar as marcas de sua história em um corpo que faz-se presente. Evidencia-se que no percurso deste corpo o mesmo é subalternizado por meio da tecnologia de expropriação de perspectivas no espaço escolar. Não digo aqui que esta tecnologia de poder é a única operante no processo de subalternização, mas demarco esta como uma das atuantes. Esta, no encontro com o corpo de Megg é tracionada e, guerrilha com as tecnologias de resistência de reatividade catalisada do sequestro de perspectivas, no processo de desenvolvimento de alianças e no reconhecimento e afirmação de si como um corpo que (r)existe.

Este encontro, de meu corpo com o corpo de Megg, desloca os processos formativos que desenvolvo no campo das Ciências Biológicas, levando-me ao questionamento constante da produção de ensinamentos de ciências plurais, menores, que não aprisione existências e que não remeta a determinismos que expropriam as perspectivas do outro. A própria vida, narrativa em processo de enunciar-se, escapa a todo momento, produz linhas de diferenciação e oferecem um relato de composição que é impossível de

ser conservado em formol e manter-se morfologicamente. Vejo que as vidas narradas, são outras em cada encontro, o que produz fraturas em meus entendimentos, a resistência, como nos processos ecológicos estudados na “área dura” das ciências biológicas, mostra que o corpo resiste para criar formas de vidas outras, que não foram-lhes permitidas, ou melhor, que foram expropriadas.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica à violência ética. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2015

CATANI, Denice Barbosa. Autobiografia como saber e a educação como invenção de si. In SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Orgs) **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2006, p.77-87

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise de discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n.114, 2001, p.197-223

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015

_____. **Vigiar e punir**: Nascimento da prisão. 42 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas-SP: Unicamp, 2013

Submetido em Março de 2018

Aceito em Maio de 2018